

Eduard Bernstein e a social-democracia

Joana El-Jaick Andrade¹

Resumo:

Nos fins do século XIX, Eduard Bernstein causou grande espanto e turbulência no interior da social-democracia alemã ao refutar publicamente as teses oficiais propugnadas pelos líderes do partido e, ao mesmo tempo, ao propor a revisão crítica do pensamento de Marx, desferindo sérios ataques àquilo que considerava seu elemento “nefasto”: a dialética hegeliana. Ao defender a rejeição da filosofia da história marxiana – considerada obstáculo ao conhecimento científico da realidade social – Bernstein rompe com a perspectiva revolucionária, aderindo a um reformismo evolucionista. Acreditando no potencial emancipador da democracia burguesa, que tornaria possível a tomada do poder por meios legais e pacíficos, ele passa a sustentar a adoção de uma postura política conciliatória e a mitigação da luta de classes. Este trabalho tem como objetivo analisar a trajetória política deste autor e sua vinculação ao surgimento da corrente revisionista no interior da social-democracia.

Palavras-chave: social-democracia; socialismo; revisionismo.

Abstract:

In the end of the nineteenth century, Eduard Bernstein caused great turbulence in the German social democracy when he publicly opposed to the official theses of the leaders of the Social Democratic Party and, at the same time, recommended a critical revision of Marx's thought, making serious attacks on what he considered its most hideous element: the Hegelian dialectics. While supporting the total rejection of the Marxian philosophy of history – regarded as an obstacle to the scientific knowledge of the social reality – Bernstein breaks up with the revolutionary perspective, joining an evolutionary reformism. Relying in the emancipatory potential of the bourgeois democracy, that would make possible the achievement of power through legal and pacific means, Bernstein sustained a conciliatory political posture and the softening of the class struggle. The article intends to analyze Bernstein's political path as well as its relation to the emergence of the revisionist trend in social democracy.

Key-words: revisionism; social democracy; socialism.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (USP/FFLCH).

Se desde o seu aparecimento, em 1875, o Partido Social Democrata alemão manifestava uma forte tendência interna à fragmentação, ao longo da última década do século XIX inúmeros esforços foram realizados no sentido de alterar o programa político do partido e a sua orientação para a ação prática. O revisionismo teórico surgiu, assim, de forma difusa na social-democracia, sendo antes um agregado de vozes dissonantes do que um movimento único e coerente.

Entre as diversas personalidades do partido que ganharam destaque na controvérsia podemos encontrar jornalistas, editores, parlamentares, sindicalistas e secretários do SPD – como, por exemplo, Eduard David, Joseph Bloch, Adolph von Elm, Edmund Fischer, Paul Kampffmeyer, Paul Löbe, Heinrich Peus e Robert Schmid. Dedicados à tarefa de desatrelar a tática dos princípios “arcaicos” aos quais estava ancorada, procuraram fornecer, cada um a seu modo, fundamentos teóricos para a revisão da interpretação oficial da obra de Marx e Engels predominante no partido.

Ironicamente, foi na pessoa de um dos mais proeminentes líderes do partido e ex-colaborador de Engels que o revisionismo encontrou seu legítimo porta-voz. Eduard Bernstein ganhou notoriedade por conferir coesão e força ao grupo revisionista através da organização e síntese de suas principais teses. Embora não representasse a única referência entre seus adeptos, seu nome passou a ser concebido como sinônimo desta orientação, sendo ora aplaudido ora execrado entre os membros da tradição socialista.

Sua trajetória política peculiar de certa forma espelha o movimento percorrido pelo próprio Partido Social-Democrata que paulatinamente transitou de uma posição revolucionária para uma posição assumidamente reformista – cujo referencial teórico deslocara-se da perspectiva marxista para a liberal-democrática. Neste sentido, para compreendermos as origens e o desenvolvimento do fenômeno revisionista é oportuno recorrermos à análise do próprio percurso pessoal de Bernstein, desde sua filiação ao partido até sua participação no governo republicano.

Eduard Bernstein nasceu em 6 de janeiro de 1850, no seio de uma família judia de Berlim. Seu pai, Jakob Bernstein, era maquinista ferroviário, tendo enfrentado muitas dificuldades para garantir o sustento de seus sete filhos. No intuito de contribuir na renda familiar, aos dezesseis anos Eduard abandonou o curso ginásial e adquiriu um emprego como assistente em um banco. Seu tio Aaron Bernstein era um jornalista liberal, editor da “*Berliner Volkszeitung*”, fato que o incentivou a prosseguir seus estudos em História e Filosofia na qualidade de autodidata.

O interesse de Eduard pela política manifestou-se inicialmente em virtude da Guerra Franco-Prussiana de 1870, quando constituiu um pequeno grupo de discussões filosóficas denominado “Utopia”. Embora ainda não tivesse estabelecido contato com a doutrina socialista, ele – que se opunha à propaganda nacionalista difundida pelo governo – identificou-se com as posições assumidas por Wilhelm Liebknecht e August Bebel, que na ocasião enfrentavam um julgamento por alta traição devido a suas declarações contrárias à guerra e à anexação da Alsácia e Lorena. A forte convicção ética e a perspectiva internacionalista destes homens despertaram a atenção do jovem Berns-

tein para a literatura socialista, principalmente os escritos de Ferdinand Lassalle², Eugen Dühring³ e Karl Marx⁴.

Em fevereiro de 1872, filiou-se ao Partido Social-Democrata dos Trabalhadores Alemães, entrando em contato direto com Bebel, Ignaz Auer e outros membros importantes do partido. Sua atuação partidária e militante colocou-o rapidamente em evidência, sendo eleito para participar do Congresso de Gotha de 1875, onde foi aprovado o novo programa do partido que consagrava a sua unificação com a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães. Bernstein saudou a unificação dos partidos, alertando, no entanto, que tal empreendimento exigiria que fossem feitas concessões práticas e teóricas aos lassalleanos⁵. Na realidade, o próprio autor possuía grande admiração por Lassalle, cuja memória era amplamente reverenciada entre os socialistas alemães da época⁶.

Durante seus primeiros anos no partido, Bernstein demonstrava igualmente grande simpatia pela obra de Dühring⁷, principalmente seu “Curso de Economia Social e Nacional”, tendo enviado cópias da publicação a vários líderes social-democratas, como Bracke, Fritzsche, Most e Bebel. Neste período o ecletismo liberal e ético de Dühring arregimentara grandes segmentos da social-democracia, o que motivou Engels a rebatê-lo em uma série de artigos no *Vorwärts*, entre 1877 e 1878⁸. Com efeito, a despeito de seu espírito eclético, o ambíguo posicionamento político de Bernstein permanecia eclipsado pelo sectarismo e pela falta de unidade teórica vigente dentro do novo partido. Seu viés teórico reformista, no entanto, não demoraria a despertar a atenção dos líderes social-democratas filiados à tradição marxista.

Em 1878, por ocasião da promulgação das leis anti-socialistas, ele aceitou o convite para ocupar o cargo de secretário particular de Karl Höchberg⁹, simpatizante da social-democracia com quem havia fundado um grupo de discussão denominado

² “*Herr Bastiat Schulze von Delitzsch*”.

³ “*Kritische Geschichte der Nationalökonomie und des Sozialismus*” e “*Cursus der National und Sozialökonomie*”.

⁴ “*Mensagem à Liga dos Comunistas*” e “*A guerra civil na França*”.

⁵ Carta de Bernstein a Bebel, de 19 de janeiro de 1875: “Eu não sei como você se sente quanto à fusão, mas eu acredito que nós concordamos que a idéia de unidade deve ser mantida o quanto for possível. Eu não possuo ilusões, mas sei que a necessidade de unidade é também muito sentida entre os membros do *Verein*. Infelizmente, estas pessoas são lassalleanos tão intransigentes que nós teremos que fazer concessões a este respeito” (GAY, 1970:36).

⁶ Isto apenas começaria a ser revisto com a publicação da “*Crítica ao Programa de Gotha*”, na qual Marx dirige sérias críticas ao posicionamento lassalleano.

⁷ Peter Gay (1970:103) apresenta a seguinte declaração de Bernstein, escrita no final de sua vida: “Não apreciava Dühring como pessoa, mas como um socialista que tinha, em minha opinião, complementado (ou, pode-se dizer, continuado) Marx de maneira mais radical do que qualquer outro. Chame isto de ecletismo ou o que for, mas eu sinto que o movimento socialista é amplo o bastante para conter um Marx e um Dühring ao mesmo tempo (...) o que me agradava em Dühring era sua forte ênfase no elemento liberal do socialismo”.

⁸ Posteriormente conhecidos sob o nome de “*Anti-Dühring*”.

⁹ Karl Höchberg era filho de um banqueiro. Sua perspectiva ética e idealista sofria influência de Lange, Kant e Darwin, além dos economistas próximos aos socialistas de cátedra (Schramm, Rodbertus e Albert Schäffle) (GAY, 1970:42-59).

*Mohren Club*¹⁰. Deste modo, emigra para Lugano, na Suíça, a fim de auxiliar na edição do jornal “*Die Zukunft*”. Tal periódico¹¹, marcado por discussões teóricas de cunho idealista, foi proibido pelas autoridades suíças, levando Höchberg a mudar seu centro de operações para Zurique em 1879, onde prosseguiu seu trabalho de difusão de material e propaganda pró-socialista.

Neste ínterim, Bernstein entrara em contato com o “Anti-Dühring” de Engels, cujo impacto lhe infundira maior entusiasmo com a teoria marxista. Contudo, sua tentativa inicial de aproximação com Marx e Engels foi frustrada. Em 13 de junho de 1879, escreve a Engels requerendo sua aprovação para a publicação de uma nova revista social-reformista sob a direção de Höchberg – os “Anais de Ciência Social e Política Social”¹² – cujo primeiro exemplar trazia um polêmico artigo de crítica ao Partido Social-Democrata, intitulado “Exame retrospectivo do movimento socialista na Alemanha”¹³.

O artigo listava os supostos “erros” cometidos pela social-democracia alemã, particularmente sua recusa a manter relações com as classes liberais burguesas e sua insistência no caráter proletário do partido. Segundo o artigo, o Partido Social-Democrata deveria realizar uma propaganda enérgica no seio da burguesia, substituindo os objetivos de longo alcance – que assustam e afugentam a burguesia – pelas reformas pequeno-burguesas. Com isso, a “colapso final” do capitalismo transformar-se-ia num processo de decomposição realizado lentamente e, na medida do possível, de maneira pacífica (HÖCHBERG et alii *apud* MARX e ENGELS, 1980b: 276-282)¹⁴.

Consoante o artigo o SPD deveria reunir em torno de si “todas as pessoas de sentimentos verdadeiramente humanitários”. Para tanto seria imperativo que o partido renunciasse às “grosseiras paixões proletárias” e se colocasse sob a direção de burgueses cultos que, guiados por sentimentos filantrópicos, possibilitariam às massas populares “adquirir gostos refinados” e “aprender boas maneiras”. Assim, não tardariam a aparecer numerosos partidários procedentes das classes cultas e ricas – justamente os elementos que a seu ver deveriam ser atraídos para que a propaganda social-democrata tivesse êxitos tangíveis:

O socialismo alemão atribuiu demasiada importância à conquista das massas, ao mesmo tempo em que se descuidou da propaganda enérgica entre as chamadas camadas altas da sociedade, pois faltam ainda ao partido pessoas que possam representá-lo no Parlamento, sendo desejável e mesmo necessário que os mandatos sejam entregues a pessoas que já tiveram tempo e possibilidades para estudar a fundo os problemas. Os simples operários e os pequenos artesãos (...) só excepcionalmente podem dispor dos lazes necessários para isso (HÖCHBERG et alii *apud* MARX e ENGELS, 1980b: 277).

¹⁰ Deste grupo surgiu um projeto para educação de adultos, com escolas noturnas para trabalhadores (GAY, 1970:39).

¹¹ Fundado em Zurique, em 1877.

¹² “*Jahrbuch für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*”.

¹³ “*Rückblicke auf die sozialistische Bewegung in Deutschland*”.

¹⁴ “Carta circular de Marx e Engels a Liebknecht, Bracke e outros”, de 17 de setembro de 1879.

Por conseguinte, o partido deveria, através de uma atitude “melancólica e humilde”, provar sua renúncia definitiva “aos despropósitos e aos exageros”¹⁵ que deram margem à promulgação da lei contra os socialistas. Com isto deveria acabar com todo o temor de um desenlace inevitável da moderna luta de classes, que intensificaria o ódio da burguesia em relação à social-democracia. O artigo, deste modo, apelava para o abandono da luta de classes a fim de que a burguesia – e com ela “todas as pessoas independentes” – não mais temesse marchar de mãos dadas com o proletariado. Outrossim, a via legal e pacífica deveria ser priorizada no movimento, que, embora mantivesse intacto seu programa, deveria adiar por tempo indefinido a realização de suas metas de longo prazo:

Precisamente agora, sob a pressão da lei contra os socialistas, o partido demonstra que não tem a intenção de recorrer à violência e de marchar para uma revolução sangrenta, mas ao contrário, está disposto (...) a seguir o **caminho da legalidade, isto é, o caminho das reformas** [grifo nosso]. Deste modo, se 500 ou 600 mil eleitores social-democratas (...) dispersos, além de tudo, por todo o país, se mostram suficientemente sensatos para não bater com a cabeça na parede e não se lançar, na proporção de 1 contra 10, a uma “revolução sangrenta”, isso prova que renunciaram para sempre a utilizar qualquer acontecimento importante da política exterior e o ascenso revolucionário que dele decorra e mesmo a vitória alcançada pelo povo no conflito que, nesta base, se possa produzir. Se Berlim voltar algum dia a dar prova de sua incultura, com outro 18 de março [1848], a social-democracia não tomará parte na luta, como qualquer chusma ansiosa por lançar-se às barricadas (...) Quanto mais sereno, objetivo e circunspecto for ele (o partido) em sua crítica da ordem vigente e em suas propostas para reformá-la, menos possibilidades haverá para que se repita a manobra que agora teve êxito (com a promulgação das leis contra os socialistas) e graças a qual a reação consciente conseguiu pôr em suas mãos a burguesia, assustada com o fantasma vermelho (HÖCHBERG et alii *apud* MARX e ENGELS, 1980b: 278).

O artigo enviado por Bernstein provocou a ira de Marx e Engels, que rapidamente elaboraram uma carta circular, datada de 17 de setembro de 1879, dirigida a Bebel, Liebknecht e Bracke. Nesta resposta, os autores manifestavam profunda preocupação com o que identificaram como um fenômeno inevitável: a incorporação de elementos oriundos da classe dominante ao movimento socialista – o que já fora mencionado no Manifesto do Partido Comunista, no capítulo “O socialismo alemão ou o ‘verdadeiro’ socialismo”. Estes elementos exteriores à classe operária defenderiam a submissão do proletariado aos desígnios das classes burguesas, vistas como intelectual e moralmente superiores, o que significaria nada menos do que a renúncia ao caráter de classe e ao projeto revolucionário de emancipação das classes trabalhadoras:

Tal é o programa dos três censores de Zurique. É de uma clareza meridiana, sobretudo para nós que, desde 1848, conhecemos na ponta da língua todas essas teses. Trata-se de representantes da pequena burguesia, acovardados ante a idéia de que os

¹⁵ Ibid, p.277.

proletários, impelidos por sua posição revolucionária, possam “ir demasiado longe”. Em lugar de uma oposição política resolvida, a conciliação geral; em lugar da luta contra o governo e a burguesia, as tentativas de convencê-los e atraí-los; em vez de uma resistência encarniçada às perseguições vindas de cima, a submissão humilde e o reconhecimento de que o castigo foi merecido. Todos os conflitos impostos pela necessidade histórica são interpretados como mal-entendidos; e dá-se uma saída comum a todas as discussões, com a declaração de que, no fundamental, todos estamos de acordo (MARX e ENGELS, 1980b: 279-280).

Para Marx e Engels, portanto, as afirmações contidas no artigo revelariam a ingerência de uma ideologia burguesa e pequeno-burguesa na social-democracia, cuja preocupação central consistiria em esfumar, diluir e debilitar a luta de classes. Seu apreço pela república democrática, pela filantropia e pelo estabelecimento de alianças e compromissos com as classes dominantes expressaria uma tentativa vã de conciliar certas idéias socialistas superficialmente assimiladas e os conceitos políticos mais díspares.

A confusão teórica provocada pelos autores do artigo resultaria, assim, de um esforço precipitado de adaptar a teoria no intuito de construir às pressas uma ciência particular. Em resumo, ao invés de aprofundarem-se, antes de tudo, no estudo da nova ciência marxista e procurarem esclarecer seus pontos fundamentais, provocaram uma confusão espantosa que, por sorte, teria ficado circunscrita quase exclusivamente a eles mesmos.

Diante do evidente conflito entre a orientação política dos autores do artigo e os princípios vigentes na social-democracia, Marx e Engels propuseram a desvinculação partidária destes senhores, de maneira a evitar que a direção do partido caísse nas mãos de homens deste tipo. Segundo os dois socialistas, o partido cometeria uma “traição contra si mesmo” se deixasse que ingressassem em suas fileiras e ocupassem postos de comando homens que, em 1848 e 1849, “levados pelo medo de toda e qualquer atividade, freavam a cada passo o movimento e acabaram por conduzi-lo à derrota; os mesmos que nunca desconfiam da reação e ficam extraordinariamente assombrados quando se vêem num beco sem saída, onde a resistência e a fuga são igualmente impossíveis; são os mesmos que se empenham em aprisionar a história em seu horizonte estreito de filisteus” (MARX e ENGELS, 1980b: 279-280):

Esses senhores, no entanto, como já foi exposto, estão encharcados de idéias burguesas e pequeno-burguesas, que se justificam sem dúvida num país tão pequeno-burguês quanto a Alemanha, mas tão-somente fora do partido operário social-democrata. Se esses senhores se agruparem num partido social-democrata pequeno-burguês, estarão em seu pleno direito; neste caso, poderíamos entabular negociações, formar com eles uma frente, em determinados momentos, etc. Dentro de um partido operário, no entanto, constituem um elemento de falsificação [grifo nosso]. Se, por enquanto, as circunstâncias aconselham que os toleremos, é necessário compreender que a ruptura com eles é apenas uma questão de tempo, e que devemos apenas tolerá-los, sem permitir que exerçam influência sobre a direção do partido (MARX e ENGELS, 1980b: 282-282).

Embora o artigo encaminhado por Bernstein e rejeitado por Marx, Engels, Liebknecht e Bebel não estivesse assinado, as contundentes críticas expressas na carta circular foram claramente endereçadas a Höchberg, Bernstein e Lübeck, a quem Engels atribuiu sua autoria¹⁶. No entanto, de acordo com Peter Gay, o “Manifesto dos três de Zurique”, como ficou conhecido, fora na verdade escrito pelo reformista Karl Fleisch, com a ajuda de Höchberg e Schramm, tendo contado apenas com uma pequena colaboração de Bernstein (GAY, 1970: 44).

Não obstante a reduzida participação de Bernstein na redação do controverso artigo – restrita à inclusão de alguns pequenos trechos ao texto final – a influência das idéias de Höchberg em sua formação política não deve ser menosprezada. Sua inclinação ao neokantismo, encarnado na figura de Friedrich Albert Lange, e sua crença na democracia liberal, tão presente entre os socialistas de cátedra (*Kathedersozialismus*), marcaram-no profundamente. Por incentivo de Höchberg, Bernstein aprofundou seus estudos teóricos calcando-se nas idéias reformistas de Lujo Brentano, Gerhard Schulze-Gävernitz, Gustav Schmoller, Heinrich Herkner, Arthur Salz e Werner Sombart, os quais tentavam conciliar socialismo e liberalismo mediante a defesa da expansão da legislação social e da implementação de reformas graduais.

Oscilando entre posições liberais e conservadoras, estes intelectuais “acomodacionistas” – ou “modernistas” – pretendiam formular uma crítica à política classista de interesses e, ao mesmo tempo, remediar os males do sistema capitalista através de reformas sociais moderadas (RINGER, 2000). Esta parte da elite culta alemã¹⁷, reunida em torno da Associação de Política Social¹⁸ (*Verein für Sozialpolitik*) – criada em 1872 –, aspirava à harmonia social e à resolução de todos os conflitos sociais, principalmente os de classe, através de medidas como a implementação de propostas de seguro social, a aprovação de leis sobre a inspeção de fábricas, a ampliação da auto-gestão local, a redução dos privilégios jurídicos e administrativos da aristocracia, a revisão do sistema tributário e adoção de impostos com taxas progressivas, a normatização do salário mínimo e dos acordos coletivos entre empregados e empregadores, bem como o desenvolvimento de programas limitados de obras públicas, como o investimento estatal em ferrovias.

Assim, conforme observa Ringer, os socialistas de cátedra consideravam-se acima

¹⁶ De acordo com Peter Gay (1970: 44), Bebel atribuiu a autoria a Höchberg, Schramm e Bernstein.

¹⁷ Cabe ressaltar que, de acordo com Ringer, “em 1890, a maioria dos professores e eruditos alemães aprovavam a tradicional estratificação de sua sociedade, toleravam os aspectos pouco liberais do regime político vigente e compartilhavam o medo e a hostilidade com que as classes dominantes enfrentavam o movimento social-democrata” (RINGER, 2000: 130).

¹⁸ O grupo, composto por economistas e cientistas sociais, tinha como objetivo estimular as discussões acadêmicas e técnicas sobre os problemas econômicos e sociais da época, além de exercer uma influência sobre a orientação política do governo e a opinião pública. Criticavam as análises atemporais e ahistóricas, que procuravam atribuir aos homens uma natureza particular (tal como a concepção de homem econômico, oriunda da escola clássica inglesa). Enfatizavam ainda a importância da investigação empírica dos aspectos da vida sócio-econômica e instituições sociais; assim, as generalizações deviam basear-se em observações meticolosas das condições reais de produção e comércio, e não em abstrações e leis gerais sobre a natureza humana (RINGER, 2000: cap.3).

da luta de classes e fora do quadro do sistema partidário convencional – não obstante sua maior aproximação com os partidos burgueses, particularmente o Partido Nacional Liberal e o Partido Progressista. Repudiavam os interesses econômicos de classe e o utilitarismo, clamando pelo rejuvenescimento ético da vida política em nome do bem-estar da “totalidade” nacional. Deste modo, viam como tarefa sua o convencimento das massas, dos homens de negócios e de seus partidos à prática de uma política “idealista” que gerasse harmonia social e fosse guiada por objetivos culturais e éticos e pelo ideal da grandeza alemã no cenário mundial¹⁹.

Por conseguinte, a doutrina “social-liberal”²⁰ defendida pelos socialistas de cátedra aderiu à defesa de corretivos ao sistema de produção e distribuição com vistas à conciliação nacional e à paz social. Embora considerassem o processo de industrialização e de democratização como irreversíveis, apostavam na possibilidade de acomodação parcial às necessidades e condições modernas e no ajuste do organismo político e social às mudanças sócio-econômicas. Deste modo, “uma sábia transformação das “instituições culturais e políticas obsoletas”, ajudaria a preservar “os aspectos sadios e vitais” da antiga ordem social” (RINGER, 2000:131). Logo, diante do “perigo” representado pelo crescimento da social-democracia, os acadêmicos alemães viam uma alternativa intermediária entre a estagnação e a revolução: “conquistar os trabalhadores para o regime vigente, aumentar a influência do governo na solução das disputas industriais e converter os sindicatos em auxiliares inócuos da política social-burocrática” (RINGER, 2000: 147-148).

Com isto esperavam orientar as forças sociais e políticas emergentes da Revolução Industrial, afastando os operários social-democratas do radicalismo e do internacionalismo da ortodoxia marxista e inculcando-lhes um respeito mínimo pelas tradições culturais e pelos ideais nacionais (RINGER, 2000: 132). Por esta razão os membros da social-democracia reagiram ao discurso reformista propagado pela intelectualidade alemã ora com indiferença, ora com profunda desconfiança²¹. Segundo Engels, estes seriam representantes de um socialismo burguês ou pequeno-burguês, que se satisfaz com simples remendos sociais, desde que não alterem a estrutura do sistema.

Ainda de acordo com Engels, esta tendência pequeno-burguesa manifestar-se-ia inclusive dentro do próprio Partido Social-Democrata, particularmente na fração do *Reichstag*, que embora reconheça a exatidão dos conceitos fundamentais do socialismo

¹⁹ Esta ênfase nos sentimentos nacionais levou muitos socialistas de cátedra a tornarem-se propagandistas da “causa nacional” e da “expansão colonial” (RINGER, 2000: 134).

²⁰ Alinhada por Ignaz Jastrow em seu artigo de 1894 “*Sozialliberal: Die Aufgaben des Liberalismus in Preussen*” (RINGER, 2000: 148).

²¹ “Os socialistas de gabinete não eram particularmente reverenciados pelos trabalhadores sociais-democratas e também tinham de defender-se de ataques constantes e veementes de panfletistas e porta-vozes políticos da facção empresarial. Tendiam a ver essa impopularidade com ambos os lados do conflito industrial como uma consequência e uma prova de sua genuína imparcialidade. Estando “acima” das brigas dos grupos de interesse concorrentes e fortificados ao mesmo tempo contra o manchesterismo e contra o marxismo por seu compromisso lógico com as técnicas históricas, não viram motivo para duvidar de que seus próprios padrões de política social estavam relativamente imunes aos erros de tendência e, portanto, seriam mais ou menos permanentes” (RINGER, 2000: 149).

moderno e a exigência de que todos os meios de produção sejam convertidos em propriedade social, declara que sua realização só será possível num futuro muito remoto, praticamente imprevisível (MARX e ENGELS, 1980a: 110)²².

Como é possível constatar, tais idéias ganharam enorme peso no pensamento de Bernstein quando posteriormente resolveu trilhar seu caminho revisionista. Após o incidente relacionado ao “*Jahrbuch für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*”, Bernstein empreendeu esforços no sentido de apaziguar as relações entre o círculo de Höchberg e os líderes da social-democracia alemã. Juntamente com Bebel, realizou uma visita a Londres em dezembro de 1880, com o objetivo de restabelecer um contato amistoso com Marx e Engels²³ e ainda receber o aval destes para substituir Georg von Vollmar na editoração do “*Sozialdemokrat*”, único órgão oficial do partido, iniciado em 28 de setembro de 1879²⁴.

Graças ao apoio de Bebel, Bernstein conseguiu redimir-se da má impressão causada pelo artigo, sendo apontado editor do periódico produzido na Suíça. A nomeação de Bernstein como editor, em janeiro de 1881, impulsionou sua carreira no interior do partido e foi fator decisivo para a sua futura consagração como proeminente teórico da social-democracia. Na qualidade de editor do principal periódico da social-democracia alemã, ele estabeleceu uma ligação mais íntima com Engels²⁵, criando laços de confiança e amizade²⁶. Juntamente com Kautsky – que se tornara colaborador do “*Sozialdemokrat*” por intermédio de Höchberg –, Bernstein passou a ser co-responsável pela tradução e organização de obras de Marx²⁷, principalmente após a morte deste, em 1883. Sua dedicação e temperamento conferiram-lhe um bom conceito junto a Engels²⁸.

²² “Contribuição ao problema da habitação”.

²³ Bebel escreveu em suas memórias, “*Aus meinem Leben*” de 1910, “Eu desejava levar Bernstein comigo à toca dos leões (...) Marx e Engels eram fortemente hostis com ele, e eu queria mostrar a eles que ele não era o rapaz terrível que os dois senhores acreditavam ser” (GAY, 1970: 46).

²⁴ “*Der Sozialdemokrat*” foi proclamado o único órgão oficial do SPD no Congresso de Wyden, em 1880.

²⁵ Especialmente após a segunda visita de Bernstein a Londres, em 1884. A partir de então passam a trocar uma vasta quantidade de correspondências, posteriormente publicadas por Bernstein em 1925.

²⁶ De acordo com Peter Gay, quando Bernstein, após três meses como editor provisório da revista, pediu sua exoneração, Engels escreveu-lhe uma carta elogiosa, datada de 14/4/1881, enaltecendo suas qualidades de editor: “Nós ficamos desagradavelmente surpresos em receber seu recado de que deseja sair do jornal. Nós não podemos enxergar qualquer razão para isto, e gostaríamos muito se você reconsiderasse. Você editou o jornal habilmente desde o princípio, você lhe deu o tom certo e desenvolveu o necessário bom senso. Ao editar um jornal a erudição não é tão importante como a rápida compreensão das questões no correto espírito, e você sempre demonstrou isto (...) eu não vejo quem poderia ocupar o seu lugar, agora que Liebknecht está na prisão”. (GAY, 1970: 50). Diante dos apelos de Engels, Bebel e Liebknecht, Bernstein reconsiderou sua decisão, tornando-se editor permanente do periódico até 1890.

²⁷ Como, por exemplo, “A miséria da filosofia”, originalmente escrita em francês.

²⁸ Como mostra a carta deste a Bebel, de 11 de fevereiro de 1881: “Eu acredito que Bernstein é mais adequado ao trabalho que Kautsky (...) Recentemente, Kautsky passou algum tempo aqui (em Londres) e tive uma séria discussão com ele. Isto me leva a acreditar que no futuro importantes diferenças de opinião entre ele e nós poderiam surgir” (GUSTAFSSON, 1975: 50).

O contato com Engels propiciou a Bernstein um flerte com posições políticas mais críticas e radicais. Durante os anos em que esteve incumbido da editoração da revista, o segundo procurara submeter a orientação teórica da publicação ao crivo crítico do “General”²⁹. Neste sentido, entre 1882 e 1888, assumiu posicionamentos contrários à ala moderada do partido, representada na época fundamentalmente pela fração parlamentar³⁰.

Sob o pseudônimo de Leo ou Vitellius, Bernstein publicou diversos artigos em “*Der Sozialdemokrat*” seguindo este mesmo perfil, sendo os principais referentes à oposição à lei de subsídios para a indústria naval (1884)³¹, à relevância da organização sindical dos trabalhadores (1885)³² e à diferenciação entre propriedade social e propriedade privada (1885)³³. Neste último, chegou a afirmar “nada é socialista se não subscreve completamente e sem reservas a frase clássica de “O Capital”: “a concentração dos meios de produção e a socialização do trabalho chegam a um ponto em que se tornam incompatíveis com o capitalismo” (GUSTAFSSON, 1975:107).

Como foi visto, a “fase ortodoxa” de Bernstein, caracterizada por sua aproximação com a teoria marxista, fora inequivocamente determinada pela predominante influência exercida pela figura de Engels. Em razão deste forte vínculo pessoal e intelectual, seu rompimento definitivo com o marxismo demorou a se efetivar, levando-o constantemente a reafirmar seu pertencimento à tradição marxista e a definir seu revisionismo como uma complementação – e não descarte – da teoria de Marx. Embora, conforme ulteriormente revelou³⁴, sentisse desde cedo a necessidade de adaptar o marxismo, o autor exerceu um relevante papel na sua difusão através de sua atividade jornalística³⁵.

²⁹ Como costumeiramente Engels era chamado.

³⁰ A fração parlamentar era composta por personalidades como Wilhelm Blos, Wilhelm Hasenclever e Ernst Brewel (GUSTAFSSON, 1975: 51).

³¹ Nesta ocasião Bernstein publicara artigos e cartas pró e contra a lei, mas foi criticado pela ala moderada que, através de uma declaração oficial, repudiou a política editorial de Bernstein e exigiu a submissão do jornal às decisões do grupo parlamentar. Bernstein recebeu esta declaração com ordens de publicá-la na íntegra, mas recusou-se por considerar um atentado à sua independência editorial, colocando seu cargo à disposição do Partido (GUSTAFSSON, 1975: 52).

³² Artigo intitulado “*Die Bedeutung der Gewerkschaftlichen Organisation der Arbeiter*”, no qual Bernstein destacara as limitações da luta sindical, vista como tarefa secundária do movimento operário, que necessitaria conferir um sentido político à luta: tarefa do partido político (GUSTAFSSON, 1975: 107).

³³ Artigo “*Gesellschaftliches und Privateigentum*”, no qual ressalta que o único caminho para o socialismo passaria pela expropriação da propriedade burguesa (GUSTAFSSON, 1975: 107).

³⁴ Cf. Carta de Bernstein a Bebel de 20 de outubro de 1898 (GAY, 1970: 73).

³⁵ Tal fato foi reconhecido por Mehring: “Bernstein compreendeu bem como manter o jornal como um órgão de todo o partido e de proporcioná-lo, ao mesmo tempo, uma clara, certa e firme direção que se ajustava às demandas táticas sem violar princípios. Em quase nenhuma questão levantada pelas lutas políticas de uma década – certamente em nenhuma decisiva – o *Sozialdemokrat* manteve-se distanciado. Em virtude de suas atividades como agitador, Bernstein estava familiarizado demais com as condições da luta da classe proletária para não entender as questões em jogo. Ele trabalhava devagar e cuidadosamente; uma natureza ponderada, com um toque de ceticismo que tendia a superestimar o mérito de seus oponentes, ele gostava da briga não pela briga em si, e estava sempre pronto para uma discussão frutífera. Com Engels como seu conselheiro, Bernstein contribuiu pelo menos tanto para o esclarecimento teórico da classe trabalhadora alemã quanto para sua atividade prática” (GAY, 1970: 60-61).

Contudo, sua fase mais radical logo foi interrompida quando o governo suíço, atendendo a exigências de Bismarck, passou a reprimir e perseguir os social-democratas que encontravam-se em seu território. Deste modo, Bernstein foi expulso da Suíça, refugiando-se em Londres com sua esposa, em 12 de maio de 1888. Na Inglaterra, deu continuidade a seu trabalho no “*Sozialdemokrat*” até o ano de 1890, quando as leis anti-socialistas foram revogadas e o órgão do partido pôde novamente ser impresso na Alemanha³⁶.

A partir de então, passou a atuar como correspondente do jornal *Vorwärts* e da revista *Die Neue Zeit*, além de dedicar-se a estudos de caráter histórico³⁷. Ainda impossibilitado de retornar à Alemanha, o autor aproveitou seus treze anos em Londres para estabelecer contato com uma variedade de grupos socialistas ingleses, muitos deles desprovidos de qualquer rigor conceitual e nitidez ideológica. Dentre estes, destacavam-se os “fabianos”, um pequeno grupo de intelectuais que fundaram em 4 de janeiro de 1884 a “*Fabian Society*”, organização que não possuía a pretensão de constituir um partido com vistas à tomada do poder, mas sim impregnar outros grupos políticos com suas idéias³⁸.

Em suas memórias, Bernstein tenta frisar seu distanciamento em relação aos fabianos:

Por um longo período eu tive preconceito em relação aos fabianos, esquivando-me de estabelecer relações pessoais com eles. Seu tom e método de procedimento era tão contrário ao espírito do movimento como eu o concebia que quando ouvia suas discussões eu geralmente sentia calafrios. Enquanto vivi na Inglaterra eu mantive pouco contato pessoal com Shaw e, se algumas vezes tivemos alguma conversa, logo ficava óbvio que havia uma discordância entre nós, como se habitantes de dois mundos diferentes estivessem educadamente trocando opiniões sem o auxílio de uma terminologia comum (BERNSTEIN, 2004).

No entanto, apesar de evitar atribuir sua “guinada revisionista” à influência dos socialistas fabianos³⁹, a poderosa impressão provocada pelo socialismo moderado e eclético por eles propugnado sobre seu pensamento foi observada por todos os seus companheiros mais próximos. Em carta a Bebel, Engels, em 1892, já constatava o “cômico respeito de *Ede* pelos fabianos” (GUSTAFSSON, 1975: 177).

³⁶ Engels, em sua carta de despedidas aos leitores, no último número do *Sozialdemokrat*, afirmara que esta foi “a melhor publicação que o partido já teve (...) Os princípios do Partido foram expostos e mantidos com rara clareza e certeza, e a tática da redação foi, quase sem exceção, correta” (GUSTAFSSON, 1975: 36).

³⁷ Dentre estes escritos cabe destacar sua obra sobre o movimento cartista “*Die Chartisten-Bewegung in England*”, publicada em Zurique em 1887, seu livro “Ferdinand Lassalle como reformador social”, de 1893, e “Cromwell e Comunismo: socialismo e democracia na grande revolução inglesa”, de 1895.

³⁸ Em 1889 publicaram os “Ensaio Fabianos”, composto por três artigos de autoria de Georg Bernard Shaw e Sidney Webb (“As bases do socialismo”, “A organização da sociedade”, “A transição para a social-democracia”).

³⁹ Entre os membros mais destacados dos fabianos estavam Gaham Wallas, Bernard Shaw, Sidney e Beatrice Webb, Stewart Headlam, Keir Hardie, John Burns e Ramsay MacDonald (GAY, 1970: 68).

Mediante a análise da teoria e da prática dos socialistas ingleses, Bernstein modificou substancialmente suas idéias sobre o marxismo e a filosofia socialista. Passou a questionar abertamente a teoria do colapso, considerando-a uma ilusão doutrinária, e a advogar pelo redirecionamento da tática empregada pelo partido, de modo que passasse a atender às demandas imediatas, consubstanciadas nas reformas sociais graduais e na socialização resultante da pressão democrática.

Sua adesão ao pragmatismo típico da direita social-democrata começava então a ganhar contornos. A exaltação acrítica da sociedade capitalista como berço de progresso e civilização e a rejeição da dialética materialista e da práxis revolucionária levaram-no a rechazar a ala esquerda do movimento operário e seu pleito por uma efetiva emancipação.

Em dois artigos de 1895, o primeiro escrito em agosto, intitulado “A evolução dos partidos ingleses”, e o segundo em outubro, sendo o posfácio ao trabalho de Sidney e Beatrice Webb sobre “História do *trade-unionismo* britânico”, Bernstein demonstrara grande apreço pelos objetivos e métodos de trabalho do movimento sindical inglês. Nesta última obra realizou uma crítica à teoria da luta de classes, que retomaria alguns anos depois, em meio à querela revisionista:

Em particular na sociedade burguesa moderna com sua extraordinária multiplicidade de grupos de interesses e suas relações recíprocas é quase inevitável que os problemas do movimento substituam temporalmente do horizonte aos antagonismos profundos (...) A teoria da luta de classes de nossos dias, tal como é erroneamente entendida com demasiada freqüência, experimenta assim uma retificação essencial. Não só os inimigos mal intencionados mas também seus fiéis adeptos associam a ela a idéia de uma transformação contínua, homogênea e simultânea das relações industriais. Assim, uma lei de tendência é entendida como se estivesse afirmando um fato acabado, fato que só assinala a direção em que se orienta uma linha de movimento reconhecida. De fato, todavia, estamos muito longe daquela homogeneidade do curso evolutivo e inclusive se fosse alcançada permaneceriam, todavia, atuantes grandes desigualdades na natureza dos ramos industriais singulares que seria fatal ignorar (GUSTAFSSON, 1975: 187).

Se o contato com os fabianos despertou-lhe a atenção para a possibilidade de revisão de muitas premissas filosóficas e políticas do marxismo, convém ressaltar que a preocupação de Bernstein com a fundamentação teórica de seu reformismo é o ponto que ele próprio considerava crucial em sua distinção em relação aos fabianos, vistos por ele como pragmáticos e avessos a teorias e princípios. Se, por um lado, a liberdade em relação a dogmas e doutrinas lhes permitiria uma flexibilidade na ação, determinada por critérios pragmáticos e utilitários, o desapego à teoria poderia conduzi-los a posturas aparentemente incoerentes e contraditórias:

Em grande parte Shaw praticava o que nós alemães entendemos como “conflito de classe”, mas não aceitava este nome pois, para ele, este teria uma outra conotação. Em sua mente, o movimento socialista estende-se para além da classe que nós vemos como sua real defensora, e sua fé na energia auto-sacrificadora desta classe era peque-

na. Ele tem consciência de ser ele mesmo um ideólogo socialista, mas seu pensamento é demasiadamente crítico para jurar fidelidade a idéias abstratas. Em sua ideologia ele é um realista; pode-se dizer, por paradoxo que isto possa soar, um ideólogo crítico, e talvez este paradoxo possa servir como uma chave para muitas aparentes contradições em seu comportamento (BERNSTEIN, 2004).

Não obstante as diversas críticas de Bernstein aos fabianos, sua formulação teórica, que começara a tomar forma no início da década de 90, apresentava uma grande afinidade com o fabianismo, o que levou muitos estudiosos a considerarem-nas concepções políticas indistintas⁴⁰. A crítica à teoria do valor de Marx, a ênfase nas reformas e na gradual implantação de um socialismo municipal, a tática moderada de alianças e compromissos com as classes burguesas e o repúdio à via revolucionária, seriam traços fundamentais da política fabiana igualmente manifestados por ele. Podemos reconhecer tal semelhança ao analisarmos a seguinte passagem de Sidney Webb, extraída dos “Ensaio Fabianos”:

Os defensores da reconstrução social aprenderam a lição da democracia e sabem que é através do lento e gradual avanço da consciência popular em direção aos novos princípios que a reorganização da sociedade virá, passo a passo. Qualquer estudioso da sociedade, atualizado com seu tempo, seja ele socialista ou individualista, percebe que mudanças importantes só podem ser (i) democráticas, e portanto aceitáveis pela maioria do povo e assimiláveis por todos; (ii) graduais, não causando portanto deslocamentos, por mais rápido que seja o progresso; (iii) não vistas como imorais pela massa do povo, e portanto não a desmoralizando subjetivamente; (iv) nesse país, em qualquer caso, constitucional e pacífica (WEBB, 2002: 348).

Ademais, podemos notar que o rol de reformas sociais propostas por Bernstein aproxima-se consideravelmente do elenco de reformas apontado pelos socialistas ingleses da *Fabian Society*. O programa fabiano previa essencialmente seis reformas principais: a reforma fiscal, a ampliação das leis fabris, a reforma do ensino, a reorganização

⁴⁰ Segundo Peter Gay (1970), “mesmo um observador superficial pode reconhecer o fato de que o fabianismo e o revisionismo alemão são irmãos, senão gêmeos. Ambas as doutrinas originaram-se no mesmo país, com apenas alguns anos de distancia uma da outra, é considerado axiomático que Eduard Bernstein tenha obtido suas idéias fundamentais dos fabianos”. Bo Gustaffson, aponta no mesmo sentido ao afirmar que “o revisionismo de Bernstein era uma forma de fabianismo inglês” (1975: 437).

⁴¹ A reforma fiscal consistiria na completa transferência da carga que incide sobre os trabalhadores para os que recebem rendas e juros, com vistas à extinção gradual e final dessa última classe; a ampliação das leis fabris teria o intuito de elevar universalmente o padrão de conforto pela aprovação geral do salário mínimo e da jornada diária de trabalho máxima; a reforma do ensino permitiria que todas as crianças obtenham a “melhor educação de que sejam capazes”; a reorganização administrativa da “lei dos pobres” possibilitaria assistir generosamente, e sem estigma, aos idosos, doentes e desamparados por falta temporária de emprego, “sem relaxar os testes contra os capacitados para o trabalho que permanecem ociosos”; a ampliação das atribuições dos municípios dar-se-ia através da organização gradual do trabalho com objetivos públicos e a supressão dos capitalistas e intermediários privados; e a reforma do sistema político teria como objetivo alcançar a mais rigorosa representação e expressão da vontade da maioria do povo (WEBB, 2002: 369).

administrativa da lei dos pobres, a ampliação das atribuições dos municípios e a reforma do sistema político⁴¹. Tais reformas decorreriam de um lento e gradual avanço da consciência popular em direção aos novos princípios; ou seja, o “inconsciente abandono do individualismo” levaria a população a aderir a projetos de reforma social de amplo alcance, a serem realizados pelo Estado e pelos Municípios.

Para os fabianos o socialismo seria fruto da própria extensão e consolidação da democracia, isto é, seria o lado econômico do próprio ideal democrático. O aumento constante da regulação governamental sobre a empresa privada, o crescimento da administração municipal e o rápido deslocamento da incidência de impostos diretamente para a renda e os juros delineariam “o irresistível deslizamento em direção ao socialismo coletivista” (WEBB, 2002: 375).

De acordo com a perspectiva fabiana, portanto, “o irresistível progresso da democracia” estaria levando a sociedade capitalista em direção ao socialismo (WEBB, 2002: 346), uma vez que a cada dia ampliar-se-ia o consenso de que o resultado inevitável da democracia é o controle pelo próprio povo, não só de sua organização política mas também dos principais instrumentos de produção de riqueza. Por conseguinte, a substituição gradual da anarquia da concorrência pela cooperação organizada e “a conseqüente recuperação, da única maneira possível, do que Stuart Mill denominou ‘a enorme parcela que os proprietários dos instrumentos de produção apropriam do produto’” (WEBB, 2002: 348), seriam realizadas de forma consensual, pacífica e legal:

A necessidade de cautela e mudança gradual deve ser óbvia para todos aqui, e poderia ser óbvia para todos, em qualquer lugar, desde que se discutisse com os catastrofistas de forma corajosa e sensata. O que significa, especificamente, então, uma transição gradual para a social-democracia? Significa a extensão gradual do direito de voto; e a transferência da renda e dos juros para o Estado, não de um só golpe, mas aos poucos. Encarada deste ângulo, pode-se ver que já fomos bem longe na caminhada, empurrados por muitos políticos que nem sequer imaginam que estão tocando o socialismo – e que repudiariam energicamente esse toque como se fosse contaminá-los (SHAW, 2002: 392).⁴²

Logo, Bernstein encontrara nos fabianos a tentativa de sustentação de um “socialismo evolucionário” realizado por meio de reformas graduais cumulativas, algo que já havia buscado entre os socialistas de cátedra alemães. Embora Bernstein atribua sua visão da evolução social à teoria social de Marx, citando, para tanto, a passagem do prefácio de “O Capital” em que este afirma que a “atual sociedade não é um cristal sólido, mas um organismo capaz de mudar e que está em constante processo de mudança”, sua concepção linear e orgânica da evolução social e seu elevado otimismo assemelham-se ao spencerianismo encontrado entre fabianos como Sidney Webb:

Devido principalmente aos esforços de Comte, Darwin e Herbert Spencer, não podemos mais imaginar a sociedade ideal como um Estado imutável. O ideal social

⁴² Escrito em 1888.

deixou de ser estático para tornar-se dinâmico. A necessidade de crescimento e desenvolvimento constantes do organismo social tornou-se axiomática. Nenhum filósofo hoje em dia procura outra coisa que não a evolução gradual da nova ordem a partir da antiga, sem solução de continuidade nem ruptura abrupta de todo o tecido social em algum momento do processo. O novo torna-se, ele mesmo, velho, muitas vezes antes de ser conscientemente reconhecido como novo; e a história não mostra nenhum exemplo de súbita realização de utopias nem de revoluções romanceadas.⁴³

Convém ressaltar, todavia, que tanto Marx como Engels opunham-se ferozmente a tal concepção evolucionista e idealista da história humana. Em uma entrevista realizada ao *Daily Chronicle*, em junho de 1893, Engels, ao ser indagado a respeito da eventual similitude entre os programas políticos da social-democracia e da Sociedade Fabiana, respondeu:

Considero a Sociedade Fabiana nada mais do que um braço do Partido Liberal. Ela não procura por outra salvação social que não aquela fornecida pelo partido. Nós nos opomos a todos os partidos políticos existentes e nós iremos combater a todos eles (...) Nós não acreditamos em permear partidos de classe média. Nós estamos permeando o povo.⁴⁴

A ambigüidade presente no pensamento de Eduard Bernstein e sua afinidade com os fabianos demonstram como o contexto histórico-social vivenciado nos fins do século XIX deu margem às mais diversas interpretações acerca do curso da sociedade capitalista. Seu desvio teórico em direção ao revisionismo, portanto, pode ser melhor explicado pelo confronto ideológico existente no movimento operário – motivado pelas mudanças na conjuntura política e econômica européia do período – do que em função de uma postura meramente oportunista ou de uma inclinação particular à defesa dos interesses burgueses.

Por conseguinte, se após 1895 o discurso de Bernstein parece sofrer uma drástica mudança, tal fato não deve ser entendido de forma isolada e descontextualizada. A ascensão eleitoral da social-democracia, a expansão numérica e estrutural do partido e dos sindicatos, a atenuação da repressão política, a promulgação de leis sociais de proteção ao trabalho, o surto industrial e a superação do período de recessão econômica vigente durante toda a década de 80 foram vistos por Bernstein como sinais de que o capitalismo estaria em vias de transformação, dando origem a uma nova forma social mais aberta e democrática.

Os anos de 1888 a 1895 testemunharam a sua lenta, gradual e hesitante adesão ao revisionismo. No ano de 1889, ele concedeu uma entrevista à revista *Justice* a respeito do congresso inaugural da Segunda Internacional, em Paris, na qual contestou ardorosamente o Partido Possibilista francês. Nesta ocasião, condenava o fato de que estes “socialistas ministerialistas” estariam no momento “com todas as intenções e propósitos de um partido do governo”⁴⁵, ao aliar-se à burguesia republicana.

⁴³ WEBB, 2002, p. 344-345.

⁴⁴ Cf. <www.marxist.org>.

⁴⁵ Cf. BERNSTEIN, E. “O Congresso Internacional dos Trabalhadores de 1889”. In: www.marxist.org. Publicado na revista *Justice*, em 1889.

No ano seguinte publicou uma série de artigos no *Sozialdemokrat*, sob o pseudônimo de Leo, nos quais enfatizava a responsabilidade parlamentar do SPD, mas simultaneamente reafirmava o compromisso com a revolução, advertindo para a possibilidade de degeneração do reformismo em um “cretinismo parlamentar”⁴⁶. Ainda em 1890 a social-democracia começara a colocar em pauta a discussão acerca da questão agrária, na qual Georg von Vollmar aparecera como o epítome do reformismo e da política de alianças. Bernstein, então, exprimiu apoio à formulação de uma política agrária que buscasse a um só tempo atrair a pequena-burguesia para o partido e unir forças com outros partidos políticos comprometidos com as mudanças sociais.

O percalço do pensamento bernsteiniano nestes dois anos demonstra como sua teoria buscava incessantemente acompanhar a prática do movimento social-democrata, adaptando-se às suas necessidades mais imediatas. A sua ênfase na prática em detrimento da teoria é evidenciada mais uma vez quando Bernstein é chamado a colaborar na elaboração da parte prática do novo programa do partido, submetido à aprovação no Congresso de Erfurt, em 1891. Neste documento o autor elencou as reformas de curto prazo que a social-democracia deveria almejar, tais como o sufrágio universal, a supressão de todas as limitações aos direitos políticos, a gratuidade da Justiça e da assistência médica, impostos progressivos sobre os rendimentos e a fortuna e uma eficaz legislação nacional e internacional protetora do trabalho.

Embora dedicado às tarefas práticas do partido, Bernstein ainda debruçava-se sobre a discussão teórica. Deste modo, em 1891 direcionou críticas a Lassalle (no prefácio que escrevera à coletânea de trabalhos deste autor) e a autores liberais reformistas como Gerhart von Schulze-Gaevernitz⁴⁷ (particularmente seus escritos “*Zum sozialen Frieden*” e “*Der Grossbetrieb*”) que defendiam a tese de que a luta de classes tenderia a diminuir em violência, a miséria do proletariado estaria desaparecendo e a paz social sobreviria ao crescimento industrial, responsável por melhorar a qualidade de vida das classes trabalhadoras. Em 1893 o autor refutou, ainda com base em argumentos marxistas, Julius Wolf. Embora engajado na tarefa de criticar tais autores, Bernstein reconheceu, posteriormente, as dúvidas teóricas remanescentes de tal debate⁴⁸. Diz Bernstein a este respeito:

Eu não escondi de mim mesmo o fato de que as objeções que eles levantaram não foram totalmente respondidas (...). Por mais que eu lutasse contra isto, comecei a duvidar das doutrinas que eu tinha considerado até então incontestáveis. Os anos seguintes trouxeram acontecimentos que aumentaram ainda mais minha incerteza (GAY, 1970: 72).

⁴⁶ Estes artigos foram publicados em 2/4/1890, 3/5/1890 e 4/5/1890, sob o título de “*Klippen*” (GUSTAFFSON, 1975:66).

⁴⁷ Bernstein respondera na *Neue Zeit*, através do artigo “*Carlyle und die Sozialpolitische Entwicklung Englands*”, em 1891, e “*Technisch-ökonomischer und sozial-ökonomischer Fortschritt*”, em 1893 (GAY, 1970: 71).

⁴⁸ Entre 1891 e 1893 Bernstein escreveu uma série de artigos na *Neue Zeit* nos quais defendia Marx da crítica acadêmica de autores como Georg Adler (que em 1878 publicou tese de livre-docência intitulada “*Pressupostos da crítica de Marx à atual economia política*”); Julius Wolf, professor em Zurique, Lujo Brentano, representante da escola histórica alemã, e Schulze-Gaevernitz, discípulo de Brentano.

A incerteza de Bernstein cresceu a medida que as condições econômicas da Alemanha avançavam e prosperavam. Em sua opinião, persistir na defesa da teoria marxista, com sua descrição da tendência decrescente da taxa de lucro (exposta no terceiro volume do *Capital*, publicado em 1894), diante de uma realidade substancialmente diferente significaria tentar conciliar o inconciliável.

Em meados dos anos 90 do século XIX, aconteceu na Europa e na Alemanha, não em último lugar, um auge dos negócios de uma potência e duração como não se conhecia há muito tempo. Este auge produziu sobre mim uma forte impressão. Estava em crassa contradição com a teoria do aumento inevitável e da crescente gravidade da crise econômica que havia de culminar finalmente na derrubada total da economia tal como resulta da lógica aparentemente (...) das exposições de Karl Marx no *Capital* e como havia sido propagado, sobretudo, por August Bebel com grande êxito no Partido Social-Democrata (BERNSTEIN *apud* GUSTAFSSON, 1975: 24)⁴⁹.

Da mesma forma, Bernstein escreveu um artigo na *Neue Zeit* atacando a política abstencionista praticada na Prússia, no qual recomendava que o partido se aliasse aos burgueses progressistas nas eleições. Essa proposta foi discutida em 1893 pela Assembléia do partido em Colônia, tendo sido rechaçada por unanimidade pelo SPD.

Este posicionamento ambíguo e titubeante de Bernstein levou Bebel a ironizá-lo em carta a Engels, de 14 de setembro de 1892, ao declarar: “Ede volta a escrever hoje no *Vorwärts* de seu modo frouxo, de que não se sabe bem se é carne ou pescado” (GUSTAFSSON, 1975: 111). Engels igualmente demonstrara ter ciência da frágil convicção nos princípios teóricos e na prática revolucionária que Bernstein manifestava⁵⁰. Já em 3 de novembro de 1893, Engels escreve a Kautsky:

Ede me deixou ontem à tarde o que você escreveu acerca de um artigo sobre a greve como meio de luta política. Eu o desaconselhei decididamente a escrever o artigo. Em minha opinião já deixou suficientemente claro na história da eletividade das três classes [artigo de 1893 que defendia a participação do SPD nas eleições para a Assembléia Legislativa regional prussiana] que se converteu em um homem que perdeu o contato com as massas e que argumenta de fora, do gabinete de estudos, doutrinariamente, sobre questões da práxis imediata (BERNSTEIN, 1982: 113).

Engels, com sua aguçada percepção, foi capaz de prever os rumos que iria tomar o pensamento bernsteiniano, embora a lealdade de Bernstein para com seu mestre e

⁴⁹ Extrapido do texto de Bernstein: “*Zur Geschichte des Revisionismus*”.

⁵⁰ No prefácio à primeira edição de “Os pressupostos do socialismo e as tarefas da social-democracia”, escrito em janeiro de 1899, Bernstein deixa clara a anterioridade de suas divergências: “Estou plenamente consciente de que em alguns pontos importantes discrepo das concepções teóricas de Karl Marx e Friedrich Engels, ainda que seus escritos tenham exercido a máxima influência sobre minhas idéias socialistas e, sobretudo Friedrich Engels tenha me honrado com sua amizade pessoal até a sua morte, chegando ao grau de deixar-me em seu testamento uma lembrança póstuma de sua grande confiança. Estas discrepâncias não surgiram, obviamente, nos últimos anos, sendo fruto de um conflito interno que data de muitos anos [grifo nosso]; e tenho provas de que não era segredo para Friedrich Engels...” (BERNSTEIN, 1982: 99).

amigo tenha procrastinado a sua divergência pública com o marxismo até a morte do General, em 1895. Cabe ressaltar que apesar de sua vacilante orientação teórica, Bernstein inspirara a confiança de Engels que o nomeou seu executor testamentário.⁵¹

Entre seus primeiros textos assumidamente revisionistas encontram-se a “Introdução para a edição alemã de *“History of Trade Unions”* de Beatrice e Sidney Webb”, escrito em 1895, e o comentário e epílogo elaborados por Bernstein entre 1895 e 1896 para a edição alemã do livro “História da Revolução Francesa de 1848”, de Louis Hérítier. Nestes escritos Bernstein realiza uma dura crítica aos revolucionários, opondo-se radicalmente à interpretação exposta por Marx em “A Luta de Classes na França – de 1848 a 1850”.

Assim Bernstein descreveu este processo de transição intelectual, no qual desvenci-lha-se dos princípios marxistas:

Esta minha mudança resulta de um longo desenvolvimento, ou melhor, demorou muito tempo até que eu estivesse completamente certo de que esta transformação não estava restrita a questões específicas, mas tangeria os fundamentos do marxismo. Até dois anos atrás eu tentei, através da adaptação dos ensinamentos de Marx torná-los compatíveis com as realidades práticas. Finalmente, eu compreendi completamente a impossibilidade de tal tática quando eu dei uma palestra na Sociedade Fabiana sobre o assunto, “O que Marx realmente ensinou”, há cerca de um ano e meio atrás. Eu ainda tenho o manuscrito daquela explanação; é um assustador exemplo de uma tentativa bem-intencionada de resgate. Eu queria salvar Marx; queria mostrar que ele havia previsto tudo que havia acontecido. Quando eu terminei minha “performance artística” e li novamente meu discurso, passou pela minha cabeça o seguinte pensamento: você está fazendo injustiça à Marx, aquilo que você está dizendo não é Marx. E algumas poucas perguntas inofensivas do arguto fabiano Hubert Bland após a palestra, que eu respondi da maneira antiga, realmente me atingiram. Eu disse a mim mesmo – isto não pode continuar. É impossível conciliar o inconciliável. O que se deve fazer é deixar claro aonde Marx acertou e onde ele errou.⁵²

Este processo culminou em uma série de artigos publicados pela *Neue Zeit*, reunidos sob o nome “Problemas do Socialismo”⁵³, nos quais Bernstein expõe abertamente

⁵¹ Eleonor Marx, em uma de suas últimas cartas, manifestara preocupação com “o amigo fiel” que após a morte de Engels adotara uma atitude crítica e pessimista, tornando-se prejudicial ao movimento: “No fim de sua vida, foi Bernstein quem inquietou Eleonor que via, com melancolia, a subida das águas do “revisionismo”. Apesar de manter a confiança total no homem e na sua lealdade - Ele é um amigo fiel, nem um pouco dado a intrigas - Tussy deplora o pessimismo crítico ao qual ele se abandona, após a morte do General. “O Vorwärts cai cada vez mais sob a influência de Bernstein, e seus artigos desanimadores não são nem um pouco oportunos. Evidentemente, uma atitude crítica é necessária e útil. Mas, há momentos em que um entusiasmo, ainda que sem muito espírito crítico, tem mais valor. A posição de Bernstein é nefasta para o movimento (...) Sua atitude é indefensável (...). Infelizmente, agora que não temos mais o General (Engels), não há mais ninguém que possa Ter influência sobre Bernstein e fazê-lo cair em si” (Carta de Eleonor Marx a Laura Lafargue de 8 de janeiro de 1898 apud PERROT, 2005: 75).

⁵² Carta de Bernstein a Bebel, de outubro de 1898 (GAY, 1970: 73).

⁵³ Encontramos nos “*Probleme des Sozialismus*” os seguintes artigos: “Observações gerais sobre o utopismo e o ecletismo” (“*Allgemeines über Utopismus und Eklektizismus*”, de outubro de 1896); “Uma

sua intenção de contrapor-se à teoria de Marx com base em dados empíricos da Alemanha de sua época. Desta forma, Bernstein pretende colocar em xeque a teoria e a prática apregoadas pelo partido, repreendendo a social-democracia por adotar uma posição política calcada em uma fraseologia radical, inteiramente incompatível com a tática adotada.

Assim, tivera início o debate revisionista no seio da social-democracia alemã, que ganhou contornos mais precisos durante o Congresso de Stuttgart, de 1898, ao qual Bernstein enviou uma mensagem apresentando suas teses principais. Em resposta à mensagem de Bernstein Bebel escreveu-lhe a seguinte carta, de 16 de outubro de 1898, que, na realidade, sintetiza a trajetória intelectual de Bernstein até seu revisionismo:

Novamente estás atravessando uma mutação (...), a mutação que considero mais perigosa de todas as que tens sofrido até agora. E isto porque o único remédio que poderia servir de ajuda não se pode utilizar por razões conhecidas; refiro-me a que mudasses para um meio diferente. Como velho amigo e como teu companheiro de luta que sou, quero ser sincero. Indaguei os motivos que te levaram às posições que manténs atualmente e me dei conta, em primeiro lugar, de que, nos quase trinta anos que nos conhecemos, teus pontos de vista experimentaram uma mudança fundamental sempre que sobre ti atuam durante largo tempo outras influências e impressões. Em estas mudanças não tem sido obstáculo tua tendência a buscar a verdade, nem tua grande agudeza; as mudanças foram impulsionadas muito mais pelo fato de que consideras o meio em que vives em um momento determinado como dotado de uma validade geral que tentas provar, com toda tua agudeza, de um modo diferente. Lembra-se por um momento de todas as mudanças que experimentou ao longo do tempo que nos conhecemos. Entrastes no partido como partidário de Eisenach. Alguns anos depois, sob a influência das conferências e da literatura dühringiana te fizestes dühringiano entusiasta. Depois conhecestes Höchberg. Os dois retiraram-se para os idílicos lagos da alta Itália e em contato com ele te convertestes em höchbergiano e, como tal, escrevestes junto com Höchberg e Schramm aquele artigo (1879) que nos encolerizou tanto a todos e que recorda muito a tuas atuais opiniões, só que hoje vais todavia mais longe. Este artigo e o que ocorreu com Höchberg e por sua culpa constituíram a causa, como sabes, de nossa “viagem de penitência” a “Engelsburg” de Londres, em que realmente o único penitente eras tu e eu era o “chefe e patrão protetor” ante a cólera dos dois senhores. Bem, nós voltamos para casa com a necessária “absolvição” e te converteste em redator do *Sozialdemokrat* e no ambiente de Zurique, entre nossos camaradas, que naquele momento compartilhavam um espírito altamente revolucionário por causa da vergonhosa situação que provocava a lei anti-socialistas, te fizestes

teoria sobre os domínios e limites do coletivismo” (“*Eine Theorie der Gebiete und Grenzen des Kollektivismus*”, de 1896/1897); “A situação atual do desenvolvimento industrial na Alemanha” (“*Der gegenwärtige Stand der industriellen Entwicklung in Deutschland*”, de 1896/1897); “O novo desenvolvimento das relações agrárias na Inglaterra” (“*Die neue Entwicklung der Agrarverhältnisse in England*”, de 1896/1897); “A significação política e social do espaço e do número” (“*Die sozialpolitische Bedeutung von Raum und Zahl*”, de 1896/1897); “A luta da social-democracia e a revolução da sociedade” (“*Der Kampf der Sozialdemokratie und die Revolution der Gesellschaft*”, de 1897/1898) e “O fator realista e o fator ideológico no socialismo” (“*Das realistische und das ideologische Moment im Sozialismus*”, de 1897/1898).

o mais perfeito representante de suas posições e aspirações; aquela época foi o momento brilhante de tua vida e nada estava melhor disposto em ti que Marx e Engels. Tua mudança para a Inglaterra e teu constante contato íntimo com Engels, etc., não modificaram, em princípio, nada tuas posições. Mas após sua morte, novamente mudaram teus pontos de vista na atmosfera inglesa, nas condições inglesas e entre os contatos que mantinhas ali, uma mudança que a maioria de nós vê com pesar e preocupação (GUSTAFFSON, 1975: 177-178).

A carta apresentada possui extrema relevância para a compreensão das origens do revisionismo de Bernstein e das razões pelas quais uma figura de tamanha importância no movimento social-democrata assumiu uma posição de crítica e contestação à praxis partidária, passando a ser concebido como um “herege” nos círculos marxistas. Ao mesmo tempo em que aponta traços da sua personalidade, inconstante e sugestionável, revela, igualmente, sua honestidade intelectual e preocupação crítica.

Sua sincera modéstia levou-o a reiterar sua despreensão em formar uma doutrina própria, defendendo antes a revisão e clarificação do socialismo marxista. Em sua opinião, tal esforço não exigiria a completa substituição do marxismo por uma nova teoria ou uma construção sociológica completamente diferente, mas apenas o desenvolvimento ou complementação das idéias políticas marxianas, de forma a considerar a mudança das condições econômicas e políticas (BERNSTEIN, 1996: 33-34)⁵⁴.

Com efeito, Bernstein declarara que as únicas correções ao método de Marx que poderiam ser descobertas em seus trabalhos seriam aquelas feitas por ninguém menos do que o próprio Engels (BERNSTEIN, 1996: 37). Aludindo à última obra de Engels, a introdução elaborada em 1895 à obra de Marx “As Lutas de Classes na França, de 1848 a 1850”⁵⁵, Bernstein afirmara que Engels teria aderido ao reformismo, ao condenar abertamente a revolução de minorias e o método de barricadas (BERNSTEIN, 1982: 132). Deste modo, a seu ver, o termo “revisionista” – que lhe fora atribuído – conduziria a erros, na medida em que aglutinaria vários tipos de revisionismos sob uma mesma e única definição (BERNSTEIN, 1996: 46)⁵⁶.

Na tentativa de depurar o termo e sistematizar seu revisionismo, Bernstein publica em 14 de março de 1899 o livro “Os pressupostos do socialismo e as tarefas da social-democracia” (*Die Voraussetzungen des Sozialismus und die Aufgaben der Sozialdemokratie*), considerado a obra fundamental do revisionismo. Tal livro foi objeto de inúmeras polêmicas, sendo debatido em diversos congressos e periódicos do partido.

Alguns meses após a publicação do livro, o Congresso de Hanover coordenou discussões acerca do tema nas quais foram questionadas a pertinência das críticas à teoria

⁵⁴ “To my socialist critics”. Prefácio à edição francesa de “Os Pressupostos do socialismo e as tarefas da social-democracia”, escrito em 1900 e republicado na *Sozialistische Monatshefte* no mesmo ano.

⁵⁵ “Só em 1926, após Riazanov haver publicado as passagens retiradas da “Introdução” de Engels, Bernstein cedeu o artigo original ao SPD”, sem os cortes realizados pelos líderes do Partido (GUSTAFFSON, 1975: 153).

⁵⁶ Artigo comemorativo dos vinte anos da morte de Karl Marx, publicado em 1903 pela *Sozialistische Monatshefte*.

marxista e suas implicações práticas. Apesar das inúmeras críticas advindas dos setores à esquerda do partido⁵⁷, Bernstein não chegou a ser expulso do SPD⁵⁸, embora suas idéias tenham sido categoricamente rejeitadas. O autor, no entanto, não interpretou tal resultado como um sinal de derrota do grupo revisionista:

o bom senso e a experiência prática venceram o “espírito de igreja”, dando origem a uma resolução que meramente critica a forma de minhas idéias, enquanto faz importantes concessões ao conteúdo delas. Ela proclama a permissividade de coalizões eleitorais, reconhece a utilidade de cooperativas econômicas para o projeto emancipatório do proletariado, e abandona a idéia de que o corrente programa do partido pode vincular mais do que a declaração de princípios e as demandas fundamentais (BERNSTEIN, 1996: 42).⁵⁹

Bernstein, portanto, entrevê na postura do partido a vitória e realização concreta de suas idéias. Embora o SPD permanecesse atrelado a uma terminologia revolucionária, na prática estaria corroborando e fortalecendo a tática revisionista, voltada para a obtenção de resultados imediatos. Na realidade, Bernstein percebia o fato de que cada vez mais suas idéias tornavam-se a perspectiva comum dentro do partido (BERNSTEIN, 1996: 64)⁶⁰, ainda que fossem oficialmente repudiadas. Ignaz Auer, socialista da Baviera, em carta a Bernstein de 8 de setembro de 1899, apontou igualmente para o caráter reformista do SPD e a desvinculação entre sua teoria e prática:

Crês que é possível que um partido que conta com suas publicações há anos e com uma organização que data de quarenta anos atrás e uma tradição ainda mais antiga mude sua orientação de uma forma tão simples? (...) Querido Ede, não se decide formalmente fazer o que você propõe, não se diz, mas se faz. Toda nossa atuação – inclusive em tempos da vergonhosa legislação anti-socialista – foi a atuação de um partido social-democrata reformista. Um partido que tem em conta as massas não pode ser outra coisa (JOLL, 1976: 91).

Em carta a Bernstein, Georg von Vollmar solidarizara-se com ele e atentara para o paradoxo existente entre a teoria e a prática do SPD, ao declarar que “Desde Erfurt falo menos e atuo mais. E onde tenho que falar, penso mais o que no momento é tolerável ao partido. Só posso dizer que estou completamente satisfeito com o conseguido” (GUSTAFSSON, 1975: 14). Deste modo, a polêmica revisionista reuniu vári-

⁵⁷ Bernstein recebeu inúmeras críticas sob a forma em artigos de personalidades como Kautsky, na *Vorwärts* e *Neue Zeit*, compilados no livro “Bernstein e o Programa Social-Democrata” (*Bernstein und das sozialdemokratische Programm*) de 1899, Rosa Luxemburgo (“Reforma ou revolução?”, de 1898) e Mehring, em sua revista “*Leipziger Volkszeitung*”. Além disto Bebel realizou um discurso de 6 horas contra o livro de Bernstein no Congresso de Hannover, 1899.

⁵⁸ Sua expulsão do partido chega a ser cogitada por Bebel (Carta de Bebel a Viktor Adler de 8 de abril de 1899). Já Kautsky tentou convencê-lo a deixar o partido voluntariamente e aderir ao socialismo inglês (Carta de Kautsky a Bernstein de outubro de 1898) (GAY, 1970: 79-80).

⁵⁹ Prefácio à edição francesa de “Os Pressupostos do socialismo e as tarefas da social-democracia”, escrito em 1900 e republicado na *Sozialistische Monatshefte* no mesmo ano.

⁶⁰ Artigo publicado em 1905 pela *Sozialistische Monatshefte*.

os setores do partido que já aderiam e advogavam em prol de uma prática exclusivamente reformista em torno da defesa de Bernstein.

Assim como Vollmar, Viktor Adler defendeu a permanência de Bernstein no partido, manifestando seu apoio através de uma carta enviada a Bernstein em 17 de março de 1899, na qual reconheceu a existência de uma crescente corrente revisionista dentro do SPD⁶¹: “Eu direi a você e a todos francamente: em minha opinião você não se colocou em nenhum lugar fora da social-democracia, não importa o quanto eu discorde de você em algumas coisas. Você representa, de modo brilhante, uma corrente dentro do partido” (GAY, 1970:181).

Discorrendo a respeito do Congresso de Hanover, Georg Bernhard Shaw realizou uma entusiástica manifestação de apoio ao revisionismo de Bernstein, que, a seu ver, nada mais seria do que uma revolta fabiana contra os velhos dirigentes da social-democracia alemã:

Naturalmente que sou muito, muito bernsteiniano. Se Liebknecht quisesse tomar como base para seus discursos simplesmente sua própria tática Fabiana [grifo nosso] em vez das apaixonadas generalizações dos acontecimentos de 1848 e 1871 e o velho radicalismo revolucionário, deixaria claro para todo o mundo que em sua atividade parlamentar já praticou precisamente as modificações que parecem modificações do programa. Na Inglaterra se chama hoje social-democrata ao socialista que ficou sem esperanças atrás do curso dos acontecimentos. Também na Alemanha se poderia chegar a que essa apelação adquirisse o mesmo significado se o partido se mostra incapaz de adotar as idéias de Bernstein (GUSTAFSSON, 1975: 181).

De fato, a adesão ao reformismo e a procrastinação do projeto revolucionário para um futuro ainda longínquo e indeterminado, no qual as condições objetivas estariam maduras o suficiente para conduzirem ao colapso da sociedade capitalista e ao nascimento da nova sociedade socialista, não são colocados em questão pelos líderes social-democratas senão a partir de 1905. Com a primeira Revolução Russa e as insurreições populares em vários pontos da Europa, a mobilização dos trabalhadores para o enfrentamento revolucionário entra na ordem do dia. Até então, a discussão acerca da tática e meta socialistas, que contrapôs revolucionários e reformistas, havia se desenvolvido apenas no plano teórico, não repercutindo diretamente na reorientação da prática do SPD.

Apesar de os líderes do partido terem combatido com afinco as teses revisionistas nos congressos de Lübeck⁶², em 1901, e Dresden, em 1903, no tocante à utilização da greve de massas como instrumento político revolucionário, tanto revisionistas quanto “ortodoxos” assumiram o mesmo posicionamento contrário (BERNSTEIN, 1996: 130-140). A aproximação entre o centro e a direita social-democrata alterou o espectro

⁶¹ Bebel, igualmente percebe que “toda a questão seria de pouca relevância se houvesse apenas um Bernstein, mas nós temos um monte deles, e a maioria em posições importantes dentro do partido”. Carta de Bebel a Adler, em 8 de abril de 1899 (GAY, 1970: 81).

⁶² Discutiu-se no congresso o artigo de Bernstein “Como é possível um socialismo científico?”, escrito em 1901.

partidário. Paulatinamente, o reformismo galgou maior espaço e influência dentro do Partido Social-Democrata, sendo fortalecido pelos membros dos Sindicatos Livres, da burocracia do partido e da fração parlamentar.

O prestígio de Bernstein entre os setores reformistas do partido garantiu sua eleição para o *Reichstag*, como representante de Breslau, nas eleições de março de 1902. Bernstein recebeu 14.700 votos – 3.000 votos a mais do que a soma de todos os outros (GAY, 1970: 56). A longa carreira parlamentar de Bernstein perpassou os períodos de 1902 a 1906, 1912 a 1918 e 1920 a 1928. Contudo, Bernstein não abdicaria de sua atividade jornalística, passando a escrever regularmente no órgão teórico dos revisionistas, *Sozialistische Monatshefte*, editado desde 1897 por Joseph Bloch.

A ascensão dos grupos revisionistas dentro do SPD levou Bernstein a intensificar suas críticas ao marxismo e a assumir abertamente sua identificação com os reformadores liberais em seus artigos na revista *Sozialistische Monatshefte*⁶³. Em 1904, na ocasião da publicação de um estudo sobre Lassalle, intitulado “*Ferdinand Lassalle und seine Bedeutung für die Arbeiterklasse*”, ele escreve:

O julgamento de Lassalle que é expresso neste livro difere em muitos aspectos das opiniões que sustentei na introdução da coletânea de trabalhos de Lassalle [1891]. (...) Onde há diferenças, elas são consequência de um estudo mais aprofundado de Lassalle, assim como do fato de meu próprio desenvolvimento teórico ter me aproximado espiritualmente de Lassalle (GAY, 1970: 68).

Já em 1909, Bernstein apresentou ao partido um esboço de proposta para um novo programa que pudesse substituir o Programa de Erfurt. O novo programa – inspirado no programa minimalista do *Parti Ouvrier* francês – apresentaria dez pontos fundamentais, antecedidos por uma breve introdução com alguns princípios gerais (BERNSTEIN, 1996: 83). Entre os instrumentos políticos de pressão abarcados pelo programa revisionista constavam as coalizões políticas, as cooperativas de consumo e os sindicatos. Ademais, a liberdade de associação, o sufrágio universal democrático, o controle social da produção e a transferência de monopólios econômicos para o Estado são concebidos como precondições necessárias para a emancipação da classe trabalhadora no âmbito da sociedade capitalista.

O último ponto do documento apresentado por Bernstein propugnava o seguinte:

A luta da social-democracia não se limita a um único país, inclui todos os países modernos e civilizados. Solidariedade internacional entre trabalhadores, luta contra a exploração e dominação capitalista como a raiz de toda inimizade nacional. Internacionalismo, auto-determinação nacional, solidariedade e humanidade civilizada (BERNSTEIN, 1996: 84).

⁶³ Como, por exemplo, “Idealismo, teoria da luta e ciência” (1901), “O cerne da disputa: uma resposta final à questão como é possível um socialismo científico” (1901), “O culto a Marx e o direito de revisar” (1903), “De alguém pronunciado morto” (1905), “Classe e luta de classes” (1905), “Greve política de massas e a romantização da revolução” (1906) (Cf. BERNSTEIN, 1996).

Precisamente a defesa do internacionalismo socialista será o fator que dará início ao seu distanciamento em relação a outros revisionistas, como Max Schippel, Wolfgang Heine, Gerhard Hildebrand, Eduard David, Friedrich Stampfer, Joseph Bloch, Carl Legien, Friedrich Ebert, Gustav Noske, Ernst Heilmann e Philipp Scheidemann, que endossavam o militarismo e o expansionismo através de um discurso xenófobo e nacionalista.

Embora Bernstein tivesse apoiado a política colonialista do Império alemão⁶⁴ a iminência de um conflito internacional levou-o a reconsiderar sua posição e aderir à campanha anti-militarista realizada pela ala revolucionária do partido e ao estabelecimento de redes de cooperação entre as nações civilizadas⁶⁵. Neste sentido, em 1911, Bernstein escreveu o livro “O perigo inglês e o povo alemão” (“*Die englische Gefahr und das deutsche Volk*”), no qual criticava a propaganda nacionalista do governo contra a Inglaterra e a sua incorporação pela social-democracia. Ao invés de ceder aos apelos militaristas dever-se-ia lutar pela conciliação das nações:

Aquele que reconheceu que o povo alemão não possui inimigo maior do que aqueles que constantemente declamam: “Inimigos, inimigos por todos os lados!” deve ousar lutar persistentemente pela criação de uma verdadeira liga pela paz das nações e pela realização da grande república popular (GAY, 1970: 276).

Apesar de sua oposição ao conflito entre as potências, ao estourar a guerra em agosto de 1914, Bernstein aliou-se à ampla maioria do partido no *Reichstag* na aprovação dos créditos orçamentários destinados ao financiamento do combate. Com exceção de Karl Liebknecht e Otto Rühle⁶⁶, os parlamentares do SPD anunciaram seu apoio ao que consideraram uma “guerra defensiva” contra o czarismo⁶⁷.

⁶⁴ Bernstein combateu as iniciativas propostas por Karl Liebknecht favoráveis a ações e propagandas anti-militaristas, durante as discussões do partido em 1907. Em artigo publicado na *Sozialistische Monatshefte*, intitulado “Patriotismo, militarismo e social-democracia” (julho de 1907), Bernstein defendeu a atitude de Bebel e Noske de repreensão à Liebknecht e condenou o uso de greves de massa contra ações militares. Sobre a propaganda anti-militarista Bernstein escreveu: “isto pode facilmente aumentar, ao invés de diminuir, o perigo que ele deseja afastar. É verdade que nem todo tipo de propaganda anti-militarista deve ser descartada. Militarismo é uma idéia muito ambígua. Se significa ser controlado pelos militares ou formar um exército separado do resto do povo por uma posição especial, então a social-democracia se opõe a isto desde que existe e continuará a se opor. (...) Mas se significa treinar o povo para manejar armamentos e preparar a nação para sua eficiente auto-defesa, que inclui a capacidade de, se necessário, expulsar o adversário do país, e de mantê-lo fora, então isto são coisas que a social-democracia nunca questionou e sempre defendeu” (BERNSTEIN, 2005b).

⁶⁵ A idéia de ampliação e expansão das relações internacionais foi visto por Bernstein de forma extremamente otimista: “agora que a dependência mútua das nações em todas as dimensões da vida social é já em grande parte realidade e está se ampliando, quando o estreitamento da rede de relações econômicas de todos os tipos está se alastrando no mundo civilizado, e jurisprudência, ciência, arte, política social estão se tornando mais internacionais, nos coloca na posição de realizar os deveres internacionais de um partido de trabalhadores e de um partido da paz com mais energia” (BERNSTEIN, 2005b).

⁶⁶ A bancada parlamentar do SPD tradicionalmente votava em bloco, conforme a decisão da maioria. A decisão de Liebknecht de opor-se aos créditos resultou em uma moção, proposta por Carl Legien, para sua expulsão da bancada por motivo de indisciplina. Tal proposta, no entanto, não foi acatada.

⁶⁷ Em reunião, a fração parlamentar do SPD decidiu pelo apoio à guerra por 96 a favor e 14 votos contra.

A capitulação da social-democracia alemã à política de guerra do governo imperial deixou claro à corrente revolucionária o quanto o partido havia se afastado de seus princípios e ideais socialistas. Este fato iniciou o processo que culminaria no inevitável cisma do partido. Neste momento, Bernstein engrossou as fileiras do grupo majoritário contra o grupo de esquerda⁶⁸. Todavia, o autor não demonstrava absoluta convicção na posição assumida.

Logo no mês seguinte ao início do conflito Bernstein desferiu uma série de críticas ao chauvinismo do partido e à anexação da Bélgica pelo Império que o indispueram com seus partidários revisionistas (GAY, 1970: 281). Seu isolamento foi evidenciado quando em setembro do mesmo ano Bernstein teve um artigo recusado na *Sozialistische Monatshefte*, no qual expunha seus argumentos contrários à propaganda anti-britânica difundida pelo governo. Em 10 de dezembro de 1914, Bernstein escreveu a Joseph Bloch:

Nós temos divergido durante algum tempo quanto à atitude que deve ser adotada pela social-democracia na questão das relações internacionais e nos problemas práticos da política internacional (...) Por esta razão eu não vejo necessidade de tratar deste assunto pessoalmente (...) Neste momento só daria ensejo a uma violenta discussão, já que eu me deixaria levar pelas emoções (GAY, 1970: 282).

Mesmo após o rompimento com seus companheiros revisionistas, Bernstein decidiu aprovar novamente os créditos de guerra em 2 de dezembro de 1914. Somente em 20 de março de 1915, quando é novamente colocado em votação no *Reichstag*, ele opta por abster-se da votação. A partir de então passa a pronunciar-se publicamente contra a guerra e à política anexionista alemã em artigos da *Neue Zeit* e *Vorwärts*. Em junho de 1915, Bernstein escreveu junto com Kautsky e Hugo Haase um manifesto intitulado “A exigência do momento”, condenando a crueldade da guerra e o expansionismo alemão, que fora publicado na *Leipziger Volkszeitung*.

A oposição de Bernstein à guerra, portanto, foi tornando-se gradativamente mais intensa. Se na votação de agosto de 1915 ainda absteve-se da aprovação dos créditos de guerra, na ocorrida em 29 de dezembro, Bernstein votou contra a decisão da maioria da bancada parlamentar do SPD pela primeira vez. Com isto havia dado o primeiro passo na direção de seu desligamento do Partido Social-Democrata Alemão (SCHORSKE, 1972).

Em 24 de março de 1916, em meio ao estado de sítio declarado pelo governo, a fração oposicionista – composta por dezoito representantes, dentre eles Bernstein – foi expulsa da bancada parlamentar, aumentando sua revolta em relação à Executiva do SPD. Durante o congresso do partido, em setembro do mesmo ano⁶⁹, foi discutida

⁶⁸ Em 1919, Bernstein refletiu sobre sua atitude no limiar da guerra: “Eu somente posso repetir o que eu disse no outono de 1914 em Berlim, (...) 3 e 4 de agosto foram os dias mais sombrios de minha vida política (...) a meu ver, nossos votos foram um desastre para o nosso próprio povo assim como para o mundo civilizado. Se disséssemos “não”, como nós tínhamos o direito de fazer, ou se tivéssemos nos absterido (...) o povo alemão certamente não estaria tão mal como agora. Mas milhões de soldados não teriam sido mortos, milhões não teriam ficado incapacitados” (GAY, 1970: 293).

⁶⁹ Realizado em Berlim, de 21 a 23/9/1916.

mais uma vez a posição sustentada pela social-democracia na guerra e sua atitude para com a corrente anti-militarista. Na ocasião, os líderes do partido apresentaram à votação um texto redigido por Eduard David, intitulado, “Manifesto sobre a Paz”, que declarava apoio à política de guerra do governo fundamentando-se no dever de defesa nacional contra os inimigos do povo alemão. Tal manifesto foi aprovado por dois terços do partido.

Como resposta à resolução, Bernstein escreveu o artigo “Crítica ao ‘Manifesto sobre a Paz’ da social-democracia alemã” na *Neue Zeit*, onde asseverava que a social-democracia deveria reafirmar sua oposição ao expansionismo imperialista e se ater à defesa de relações internacionais baseadas em princípios democráticos de autodeterminação nacional e de solidariedade internacional do proletariado. Segundo o autor, o dever de defesa nacional seria tão auto-evidente quanto o de salvar vidas humanas, sendo estes “princípios éticos fundamentais que não necessitam de ênfase em uma retórica especial” (BERNSTEIN, 1996: 170).

Seu artigo criticou ainda o fato de o partido ter assumido a linguagem de um partido governista – apesar de a social-democracia se encontrar excluída da política de guerra do governo imperial – com concepções de paz e guerra que lembram a dos partidos burgueses e termos como “povo” que excluem a noção de classe social. Por fim, advertia que “para manter a coalizão de guerra com outros partidos burgueses, a social-democracia alemã renunciou aos seus mais importantes vínculos com o socialismo internacional” (BERNSTEIN, 1996: 177).

Como foi visto durante a guerra, Bernstein pôde testemunhar a ascensão do revisionismo no seio do SPD e o seu resvala para uma postura autoritária, em termos partidários, e complacente em relação ao governo imperial e as classes dominantes. Não obstante, sua ruptura com o partido em janeiro de 1917 foi realizada a contragosto. Assim como Kautsky, ofereceu resistência à idéia de formação de um novo partido, temendo que este pudesse ser controlado pelos grupos radicais que viam na guerra a oportunidade de efetivar a revolução. Contudo, em abril de 1917, sob o impacto da Revolução Russa, foi criado o Partido Social-Democrata Alemão Independente (*Unabhängigen Sozialdemokratischen Partei Deutschlands*) e Bernstein ingressou em suas fileiras.

Quando em novembro de 1918 é deflagrado o movimento insurrecional na Alemanha e estabelecido o governo provisório da nova república burguesa, Bernstein clamou pelo entendimento e colaboração entre o SPD e o USPD. As inúmeras e profundas divergências entre os dois partidos, no entanto, levaram o USPD a retirar-se do governo em 27 de dezembro. Ele, que havia ocupado o cargo de Secretário-Assistente (*Beigeordneter*) do Ministro do Tesouro, permaneceu no governo até fevereiro de 1919, refiliando-se ao SPD.

Sua defesa da república parlamentar contra os “perigos” do “revolucionarismo bolchevique” de certo modo procurava justificava a atitude do governo em relação aos grupos oposicionistas – embora o autor criticasse o alto grau de violência perpetrada sob o comando do Ministro da Guerra, Gustav Noske, na repressão militar contra seus ex-companheiros de partido.

Deste modo, sua rejeição teórica da revolução – vista inicialmente como impossível ou inviável – converteu-se após 1917 em uma postura política conservadora e autoritária. Não obstante seu apoio à contra-revolução de 1919, Bernstein promovia a condenação do governo revolucionário na Rússia, visto como uma extensão do despotismo czarista:

O bolchevismo é um fenômeno específico da Rússia que deriva de longos séculos de absolutismo e habituação com o pior tipo de opressão. Ele definitivamente não serve como modelo a ser imitado. Bolchevismo é o melhor exemplo dos terríveis efeitos de uma teoria errônea, cego às leis fundamentais da sociedade e desconsideração pelos princípios evolucionistas que guiam os seres humanos da barbárie à civilização (BERNSTEIN, 1996: 190)⁷⁰.

Em sua opinião, a política bolchevique seguiria um curso desastroso causado pela ignorância das leis econômicas, pela desconsideração das condições materiais e ideais do processo econômico e pela cegueira às funções das instituições econômicas. Seus planos relativos à educação, ao bem-estar-social, à distribuição e organização da produção e à utilização de recursos naturais não sairiam do papel, em virtude da ausência de precondições materiais necessárias e de um proletariado educado. Deste modo, Bernstein condenava os bolcheviques por “trazerem a desordem” ao eliminarem as livres forças do mercado, que seriam, em seu entender, “essenciais à recuperação econômica” (BERNSTEIN, 1996:189). Ademais, a revolução teria ocasionado a queda de 25% da população das cidades, aumentando a miséria, criando uma vasta e poderosa burocracia que regeria o Estado e a produção industrial e suprimido as liberdades políticas, levando à opressão da classe trabalhadora.

Em suma, Bernstein dirigiu à ditadura do proletariado severas críticas e repreensões a seus métodos e objetivos, enquanto, simultaneamente, via como legítima a violência praticada contra os social-democratas em seu próprio país, em nome da república parlamentarista burguesa. Ele considerava que a rebelião na Rússia e a revolta na Alemanha seriam tão diferentes em sua natureza e em sua ideologia que seria quase impossível defini-las pela mesma palavra – “revolução”. Em artigo na revista *Justice*, de 7 de dezembro de 1922, Bernstein escreve:

Em 7 de novembro, houve um típico *coup d'état*, que, acredito, pode ser definido como uma “revolução” apenas no sentido daqueles atos de violência nos países asiáticos que resultam em uma mudança de regime (...) em sua essência foi uma rebelião efetuada com o auxílio de brutos soldados não-educados politicamente – a rebelião contra a Revolução e contra os acontecimentos revolucionários (BERNSTEIN, 2005a).

Com isso, ele enxerga, portanto, a Revolução Russa como um golpe sobre a verdadeira revolução – a burguesa – realizada por um partido despótico que conseguiu manter o poder através de uma ditadura militar. Segundo o autor, a supressão de toda vida intelectual e o extermínio de toda imprensa independente os colocaria mais pró-

⁷⁰ Artigo publicado em “*Der Sozialismus Einst und Jetzt*”, em 1921.

ximos do velho czarismo do que qualquer outro partido que tenha tomado parte na revolução de 1905.

Destartes, para Bernstein, os bolcheviques estariam criando em seu próprio país uma nova ordem capitalista que diferiria da anterior apenas por seu nível inferior de cultura. Assim, por mais honestos que fossem os objetivos dos líderes do *coup d'état*, a seu ver, a história nunca daria o nome de revolução a esta rebelião, posto que os bolcheviques teriam subjugado “um grande país à escravidão espiritual e moral”. Diferentemente, a revolta na Alemanha teria propiciado maior liberdade política aos trabalhadores alemães, não importando o partido a que eles pertencessem, e, conseqüentemente, poderia ser definida como uma “revolução”, no próprio sentido da palavra:

A República Alemã estabelecida pelos trabalhadores de Berlim não é uma república operária. E se não é uma república da burguesia, ela ainda permanece uma república burguesa no antigo sentido democrático da palavra. Contudo, não é apenas na forma que a presente república se diferencia do antigo Império. No tumultuado novembro de 1918, não somente tronos foram esmagados e coroas despedaçadas: naqueles dias as cadeias que impediam o futuro desenvolvimento do movimento operário foram quebradas. A revolução deu aos trabalhadores alemães não apenas direitos políticos, mas melhorou suas condições sociais (BERNSTEIN, 2005a).

Embora Bernstein tenha se reintegrado ao partido e se posicionado ao lado do governo – sendo novamente eleito para ocupar uma cadeira no *Reichstag* em 1920 –, a sua influência sobre o SPD havia declinado consideravelmente. Sua oposição à guerra lhe garantiu o dissabor do grupo direitista e seu repúdio à via revolucionária conduziu-o a cortar relações com a esquerda. Mesmo assim, em 1921, ele foi convidado a tomar parte na redação do Programa de Görlitz, que substituíra o Programa de Erfurt, de 1891⁷¹. O novo programa trazia um conteúdo reformista e moderado, destinado a transformar o SPD de um partido proletário em um “partido do povo trabalhador” (*Volkspartei*).

Visando à clara diferenciação em relação aos social-democratas de esquerda, o programa declarava que qualquer atentado contra a república democrática seria concebido como uma ameaça aos direitos fundamentais do povo. Previa ainda como metas a concessão de maior poder às municipalidades e comunidades locais, a descentralização do poder, a criação de uma burocracia permanente e profissional e o planejamento racional de um coletivismo pragmático, capaz de oferecer o melhor bem-estar econômico, político e moral possível a todos. Através de reformas pacíficas e legais seria alcançada a crescente igualdade econômica e estendida a cidadania a todos.

Entre as políticas sociais, recebiam destaque as questões relativas à nacionalização parcial da economia, ao seguro social, à moradia, à alimentação, à ampliação das possibilidades legais de expropriação e à conservação de um Estado democrático e representativo. Apesar de o programa ter expressado a concepção hegemônica no partido, em 1925 o SPD adotou um novo programa mais à esquerda – conhecido como o

⁷¹ O programa foi aprovado em 23 de setembro de 1921.

Programa de Heidelberg – no intuito de atrair os membros anti-bolcheviques do USPD e afastá-los do Partido Comunista Alemão (KPD).

Em outubro de 1923, com a morte de sua esposa, Bernstein, com setenta e três anos, passa a sentir com maior intensidade o peso de seu isolamento político. Ele ressentia-se, sobretudo, da desconsideração manifestada pelos membros do partido na rejeição de inúmeros artigos seus em periódicos como o *Gesellschaft*, editado por Rudolf Hilferding e *Vorwärts*, publicado por Friedrich Stampfer. A partir de então, sua saúde passa a se deteriorar, tendo sofrido dois derrames em 1925. Em 1928 se afastou do trabalho parlamentar e passou a dedicar-se inteiramente ao jornalismo e à participação em cursos e conferências.

Deste modo, passou a dedicar os últimos anos de sua vida a alertar a social-democracia para os diferentes “perigos” que cercariam a República de Weimar: o bolchevismo, o ultra-nacionalismo de direita e o pragmatismo do próprio partido – que cada vez mais estaria concentrado nas vitórias eleitorais sem se preocupar com a educação política das massas trabalhadoras.

A difusão e hegemonia do revisionismo no âmbito da social-democracia mundial gerou, portanto, direta e indiretamente importantes conseqüências históricas já brilhantemente analisadas por inúmeros intelectuais – de Rosa Luxemburgo a Georg Lukács – tais como: a fragmentação do movimento operário e o avanço de forças sociais ultra-conservadoras e a perda de radicalidade dos partidos políticos de esquerda, cujo abandono do marxismo significou uma adesão a concepções liberais idealistas e evolucionistas ou puramente pragmáticas. Por outro lado, tal querela propiciou a reavaliação crítica do “marxismo da Segunda Internacional”, dando ensejo a novas tentativas de reconciliação entre a teoria e a prática revolucionárias.

Por esta razão, por mais controversas que tenham sido suas teses, por mais censuráveis que tenham sido as posições políticas assumidas ao longo de sua vida, a relevância de Bernstein na trajetória da social-democracia alemã é inegável, sendo um dos principais protagonistas políticos de seu tempo.

BIBLIOGRAFIA

BERNSTEIN, Eduard. *Las Premisas del socialismo y las tareas de la socialdemocracia. Problemas del socialismo. El revisionismo en la socialdemocracia*. México: Siglo Veintiuno, 1982.

_____. *Selected writings of Eduard Bernstein: 1900 – 1921*. New Jersey: Humanities, 1996.

_____. “My Years of Exile: Reminiscences of a Socialist (1915/1921)”, In: <www.marxists.org>. Acesso em 2004.

_____. “On the Russian and German Revolutions”. In: <www.marxists.org>. Acesso em 2005a.

_____. “Patriotism, Militarism and Social-Democracy”. In: <www.marxists.org>. Acesso em 2005b.

- BERTELLI, Antonio Roberto. *Marxismo e transformações capitalistas*. São Paulo: IPSO; IAP, 2000.
- GAY, Peter. *The dilemma of democratic socialism*. New York: Columbia University, 1970.
- GUSTAFSSON, Bo. *Marxismo y revisionismo: La critica bernsteiniana del marxismo y sus premisas histórico-ideológicas*. México: Grijaldo, 1975.
- JOLL, James. *La Segunda Internacional. Movimiento obrero 1889-1914*. Barcelona: Icaria, 1976.
- MARX, K, ENGELS, F. “Contribuição ao problema da habitação”. In *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Ômega, v.2, 1980a.
- _____. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Ômega, v.3, 1980b.
- PERROT, Michele. *As mulheres e os silêncios da História*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- RINGER, Fritz K. O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã, 1890-1933. São Paulo: Edusp, 2000.
- SCHORSKE, Carl E. German social democracy. 1905- 1917: The development of the great schism. New York: Harper Torchbooks, 1972.
- SHAW, Georg Bernard. “A transição para a social-democracia”. In: *Utópicos, heréticos e malditos* / [org.] Aloísio Teixeira. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- WEBB, Sidney. “As bases históricas do socialismo”. In: *Utópicos, heréticos e malditos* / [org.] Aloísio Teixeira. Rio de Janeiro: Record, 2002.